

O estrangeiro pela poesia de Scarleth Cuesta (2024)

The foreigner through the poetry of Scarleth Cuesta (2024)

ARIEL MONTES LIMA

Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT

Resumo: O presente artigo propõe uma leitura crítica do poema *Nací multicultural*, da escritora venezuelana Scarleth Cuesta, publicado em 2024, a partir da articulação entre o conceito de não-lugar, a experiência do estrangeiro e os processos contemporâneos de deslocamento identitário na América Latina. Considerando a poesia como forma de elaboração estética da memória histórica e da subjetividade socialmente situada, o estudo investiga de que modo o eu lírico constrói uma identidade marcada pela fronteira, pela hibridez cultural e pela sensação de não pertencimento. A análise parte da hipótese de que o exílio representado no poema não se limita à dimensão geográfica, mas se manifesta como condição existencial, simbólica e política, atravessada por memórias de violência, apagamento e resistência. Nesse percurso, examinam-se os principais procedimentos temáticos, formais e estilísticos mobilizados por Cuesta, especialmente as imagens corporais, as metáforas territoriais, o verso livre, os campos semânticos da terra, do corpo e da luta, bem como o tom progressivamente manifesto da composição. O artigo demonstra que o corpo poético funciona como arquivo de uma memória coletiva latino-americana, enquanto a escrita se converte em gesto de insurreição diante das desigualdades históricas, da precariedade da modernidade contemporânea e da invisibilização de sujeitos fronteiriços, migrantes e culturalmente deslocados. Conclui-se que *Nací multicultural* transforma o não-lugar em espaço de enunciação crítica, afirmando a interculturalidade como possibilidade de reconstrução identitária, convivência digna e resistência simbólica.

Palavras-chave: Scarleth Cuesta. Não-lugar. Exílio. Poesia latino-americana. Identidade cultural. Interculturalidade.

Abstract: This article proposes a critical reading of the poem *Nací multicultural*, by Venezuelan writer Scarleth Cuesta, published in 2024, through the articulation of the concept of non-place, the experience of the foreigner, and contemporary processes of identity displacement in Latin America. Understanding poetry as an aesthetic form through which historical memory and socially situated subjectivity are elaborated, the study examines how the lyrical voice constructs an identity shaped by borders, cultural hybridity, and a sense of non-belonging. The analysis is based on the hypothesis that the exile represented in the poem is not restricted to a geographical condition, but emerges as an existential, symbolic, and political experience crossed by memories of violence, erasure, and resistance. In this sense, the article investigates the main thematic, formal, and stylistic procedures employed by Cuesta, especially bodily images, territorial metaphors, free verse, the semantic fields of land, body, and struggle, as well as the progressively manifesto-like tone of the composition. The study demonstrates that the poetic body functions as an archive of Latin American collective memory, while writing becomes an act of insurrection against historical inequalities, the precariousness of contemporary modernity, and the invisibilization of border, migrant, and culturally displaced subjects. It concludes

that Nací multicultural transforms the non-place into a space of critical enunciation, affirming interculturality as a possibility for identity reconstruction, dignified coexistence, and symbolic resistance.

Keywords: Scarleth Cuesta. non-place. Exile. Latin American poetry. cultural identity. interculturality.

LIMA, Ariel Montes. O estrangeiro pela poesia de Scarleth Cuesta (2024). Educação Sem Distância, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, out. 2026.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo propõe uma leitura do poema *Nací multicultural*, da escritora venezuelana Scarleth Cuesta, publicado em 2024. A autora é psicóloga, escritora e revisora de estilo autônoma, com raízes colombovenezuelanas, cuja produção literária transita entre a poesia, o terror e o mistério, articulando experiências subjetivas a uma leitura crítica da realidade social. Seus escritos abordam de modo recorrente temas como gênero, feminismo, violência estrutural e lutas sociais, oferecendo uma perspectiva sensível e politicamente situada acerca do mundo contemporâneo (Cuesta, 2024, s. p.). Ao tempo da escrita deste artigo,, a autora não se encontra em território venezuelano, circunstância que atravessa sua poética, imprimindo-lhe um tom de deslocamento e exílio que transcende a mera condição geográfica.

A abordagem aqui adotada compreende a escrita literária como fenômeno social, simultaneamente atravessado pelas experiências individuais e pelos processos históricos de deslocamento. Parte-se da hipótese de que, em *Nací multicultural*, o eu lírico se constrói a partir de uma experiência de exílio que não se reduz à dimensão geográfica, mas se manifesta como condição existencial e simbólica de não pertencimento. O poema inscreve a subjetividade poética em um espaço de fronteira, marcado pela fragmentação identitária, pela hibridez cultural e pela sensação de habitar um não-lugar — entendido aqui como espaço de trânsito, instabilidade e suspensão de referências fixas.

O conceito de não-lugar, tal como formulado por Marc Augé (1995), designa espaços de passagem e de anonimato — aeroportos, rodovias, shopping centers — onde as identidades se suspendem e as relações se tornam transitórias. No entanto, no contexto da poesia de Cuesta, o não-lugar adquire uma dimensão existencial: não se trata apenas de um espaço físico, mas de uma condição subjetiva marcada pela falta de pertencimento, pela suspensão entre culturas e pela impossibilidade de ancoragem identitária. O sujeito fronteiriço, como teorizado por Gloria Anzaldúa (1987), habita as margens, onde as identidades se mesclam e se tensionam, produzindo uma nova consciência (uma consciência mestiça) que é, ao mesmo tempo, ferida e potência.

Nesse sentido, a análise busca articular o contexto sociopolítico da Venezuela, enquanto país latino-americano atravessado por crises estruturais e por uma lógica social profundamente misógina, à experiência feminina do exílio e do apagamento histórico. Investiga-se como a condição de ser mulher, estrangeira e culturalmente deslocada emerge na tessitura poética de Cuesta, transformando o exílio em matéria estética e o não-lugar em espaço de enunciação

crítica. Assim, Nací multicultural apresenta-se como um poema em que a identidade se constrói na tensão entre origem e deslocamento, pertencimento e exclusão, convertendo a escrita em gesto de resistência e afirmação simbólica diante da liquidez e da precariedade da modernidade contemporânea.

2 O CORPO COMO ARQUIVO: ANÁLISE TEMÁTICA DO POEMA

Para melhor análise do texto poético, reproduzo abaixo o poema em sua integralidade:

Nací multicultural

En la frontera rupestre nació,
con mi piel color trigo manchada en pecas, oscuras ojeras marcadas por el clamor de
libertad, sin descanso
y en pie de lucha entre países hermanos.
Mi piel tostada como la flor de la orquídea; símbolo que vincula dos países llenos de
riqueza, naturaleza, distinción cultural y admirable lenguaje.
En medio yo nació;
en el núcleo de un horizonte extensamente cultural,
es así como el lenguaje, la tradición y la ancestralidad
me guió a compartir y alabar el gran valor que posee.
Coexistencia multicultural trazada en las palmas de mis manos, más que un símbolo
es un tatuaje de opulente sabiduría.
Miles de escritos narran cómo nuestras almas habitantes en cuerpos de carne y hueso
se desplazaban de su territorio ancestral
Tierra fértil de paz y convivencia magna, que se pierde en el olvido del orgullo
de aquellos privilegiados, corruptos, y asesinos vestidos de gala.
El desafío de vivir en medio de toda la historia de Latinoamérica es grande, pero blindo mi
corazón como aquel oro robado. El desafío surge entre las razas
las cuales unidas tratamos de salir adelante,
incluso con el caminar cojo de las oportunidades que no tenemos, manifestamos entre
diferencias ¡que merecemos respeto!,
con nuestra voz ronca y casi muda gritamos por el progreso,
por el cambio verdadero... por la paz y la reivindicación de la identidad.
Aunque mi piel no sea negra, aunque no tenga raza ni etnia, aprovecho el latir de mi
corazón, la fuerza de mi voz y el significado de mis letras, para honrar a aquellos
lastimados; porque de ahí vengo, porque de aquí soy.
Más allá de poesía mi letra es rebelión
me sumo y apoyo a aquellos que terminaron muertos y sin voz, esta vez para resucitar
tranquilos cuando se reivindique la identidad y se respete la cultura que corre por nuestras
venas. Como latinos, abracemos el valor de las instituciones y nuestro papel como actores
sociales en la convivencia digna. Recordemos en la inmensidad de nuestra cuna de hechos
la transcendencia
de la mano de la interculturalidad
y de la multiculturalidad (Cuesta, 2024, s. p.).

2.1 Análise temática

O poema "Nací multicultural" constrói uma voz lírica profundamente marcada pela experiência histórica e social da migração latino-americana. Ao longo do texto, a identidade do sujeito é apresentada como resultado de uma condição fronteiriça, na qual diferentes culturas, tradições e memórias se entrelaçam. Logo no início, o verso "En la frontera rupestre nació" estabelece um ponto de partida simbólico relevante: a fronteira não aparece apenas como um

limite geográfico, mas como um espaço de formação identitária. O termo "rupestre" sugere algo ancestral, quase inscrito na própria paisagem, o que aproxima a identidade do eu lírico de uma dimensão histórica e territorial. Dessa forma, o poema já introduz a ideia de um sujeito que nasce em um espaço intermediário, marcado pela convivência entre culturas distintas.

A presença do corpo como espaço simbólico é um dos procedimentos estilísticos do poema. Elementos como "mi piel color trigo", "las palmas de mis manos" e "el latir de mi corazón" transformam o corpo em um arquivo de memória cultural. A pele, por exemplo, torna-se um signo da mistura e da diversidade, enquanto as linhas das mãos são descritas como portadoras da marca da coexistência multicultural. Quando o poema afirma que essa coexistência é "más que un símbolo" e que constitui "un tatuaje de opulente sabiduría", reforça-se a ideia de que a interculturalidade não é apenas circunstancial, mas algo profundamente inscrito na existência do sujeito. O recurso metafórico do tatuaje enfatiza a permanência dessa identidade híbrida, que não pode ser apagada nem dissociada da história individual e coletiva.

Ao avançar, o poema desloca-se da dimensão individual para a memória coletiva da América Latina. A referência aos "miles de escritos" que narram o deslocamento de povos de seus territórios ancestrais introduz a temática do trauma histórico ligado às migrações forçadas e às desigualdades políticas da região. O poema associa esse processo a estruturas de poder e violência, representadas na figura daqueles "privilegiados, corruptos y asesinos vestidos de gala". Esse verso emprega um recurso de forte carga irônica: os responsáveis pela opressão aparecem revestidos de prestígio social, o que evidencia a crítica às elites políticas e econômicas que historicamente contribuíram para processos de exclusão e deslocamento.

Nesse contexto, o sujeito lírico assume a posição de alguém situado entre diferentes mundos, o que remete à condição do imigrante ou do sujeito fronteiriço. A afirmação "En medio yo nací" sintetiza essa condição liminar, na qual o pertencimento não é absoluto, mas múltiplo e instável. Essa ideia se intensifica quando o eu lírico declara que, embora sua pele não seja negra e embora não possua uma raça ou etnia claramente definidas, ele se reconhece na história dos que foram feridos e deslocados. Tal estratégia discursiva evidencia um processo de identificação solidária com outros grupos historicamente marginalizados, ampliando o alcance da experiência individual para um campo mais amplo de pertencimento cultural e político.

A partir desse ponto, o poema assume um tom de manifesto. A escrita poética passa a ser definida como forma de resistência e intervenção social, como se observa no verso "Más allá de poesía mi letra es rebelión". Aqui, a linguagem deixa de ser apenas expressão estética e passa a funcionar como instrumento de denúncia e mobilização. O texto recorre a elementos

típicos de discursos coletivos, como o uso de exclamações, a presença de verbos no plural e a invocação da identidade latino-americana compartilhada. A voz lírica deixa de falar apenas em nome próprio e passa a representar uma comunidade que reivindica respeito, reconhecimento cultural e justiça social.

Nos versos finais, o poema introduz um horizonte de reconstrução simbólica e política por meio da valorização da interculturalidade. A reivindicação da identidade e o apelo ao respeito pela diversidade cultural apontam para a possibilidade de uma convivência mais digna entre os povos latino-americanos. A metáfora final da "cuna de helechos" reconecta o sujeito à paisagem natural do continente, sugerindo que a memória e a cultura podem funcionar como espaços de reconciliação e pertencimento. Assim, o poema transforma a experiência do não-lugar — típica do sujeito migrante ou fronteiriço — em um espaço de reflexão crítica e afirmação identitária.

2.2 Análise formal e estilística

Para além da dimensão temática, Nací multicultural apresenta uma arquitetura formal e estilística que amplia os sentidos do poema e sustenta sua expressão. A análise dos procedimentos linguísticos, métricos e retóricos revela como a forma, longe de ser um mero ornamento, constitui-se como parte integrante do conteúdo e da experiência poética.

2.2.1 Estrutura e organização textual

O poema organiza-se em 32 versos de extensão variável, sem divisão em estrofes fixas, o que confere ao texto um fluxo contínuo e, ao mesmo tempo, fragmentário. Essa ausência de uma estrutura estrófica regular pode ser lida como uma performatização da própria experiência do deslocamento: a identidade do sujeito fronteiriço não se organiza em compartimentos estanques, mas flui e se tensiona entre diferentes polos. A progressão do poema, no entanto, não é aleatória: é possível identificar três movimentos discursivos distintos.

O primeiro movimento (versos 1-10) é marcado pela autoapresentação do eu lírico, pela descrição de sua origem fronteiriça e pela afirmação de uma identidade ancorada no corpo e na terra. Predomina aqui o tom descritivo e celebratório, com uma linguagem que valoriza a diversidade cultural e a riqueza simbólica da América Latina.

O segundo movimento (versos 11-22) introduz a dimensão histórica e política. A memória coletiva do deslocamento e a denúncia das estruturas de poder emergem com força, e o tom torna-se mais crítico e combativo. O ritmo acelera-se, e os versos alongam-se, como se a voz lírica se expandisse para abarcar a amplitude do sofrimento coletivo.

O terceiro movimento (versos 23-32) assume um tom de manifesto e de apelo à ação. O poema conclui com uma inflexão esperançosa, ainda que consciente dos desafios, apelando à interculturalidade e à convivência digna como horizontes possíveis. O ritmo torna-se mais cadenciado, quase litúrgico, nos versos finais, que ecoam como uma prece ou um chamado coletivo.

2.2.2 Métrica e ritmo

O poema não adere a uma métrica regular, optando por um verso livre que acompanha as oscilações da voz lírica e as mudanças de tom ao longo do texto. Essa liberdade métrica não é arbitrária: ela reflete a condição do sujeito fronteiriço, que não se fixa em ritmos ou padrões preestabelecidos. Os versos mais curtos aparecem em momentos de maior intensidade afetiva ou de afirmação categórica ("En medio yo nací"; "Más allá de poesía mi letra es rebelión"), enquanto os versos mais longos predominam nos trechos narrativos ou descritivos, sugerindo um fluxo mais amplo da consciência.

Nota-se, no entanto, um recurso recorrente ao paralelismo sintático e à enumeração, que conferem ao texto uma cadência própria. Veja-se, por exemplo, a sequência "por la paz y la reivindicación de la identidad", em que a conjunção "y" articula dois termos que se complementam e se reforçam mutuamente, criando um efeito de acumulação que ecoa a urgência do clamor. De modo semelhante, a enumeração "privilegiados, corruptos, y asesinos vestidos de gala" opera por meio de uma progressão que culmina na imagem mais contundente, intensificando a carga crítica do enunciado.

2.2.3 Figuras de linguagem

O poema faz uso de diferentes de figuras de linguagem que operam em diferentes níveis de significação, articulando a experiência subjetiva à crítica social e à memória histórica.

A metáfora é a figura dominante, estruturando a imagética do poema. A identidade multicultural é metaforizada como um "tatuaje de opulente sabiduría" inscrito nas palmas das mãos — metáfora que funde o corporal, o simbólico e o permanente. A fronteira, por sua vez, é metaforizada como "rupestre", associando o espaço geográfico a uma inscrição ancestral na paisagem, como se a própria terra guardasse a memória dos deslocamentos. O coração do sujeito poético é blindado "como aquel oro robado" — metáfora que evoca a história da exploração colonial e a persistência da espoliação como estrutura.

A metonímia também comparece, especialmente na relação entre corpo e identidade. A "piel color trigo" e as "oscuras ojeras marcadas por el clamor de libertad" substituem o sujeito por suas marcas corporais, que se tornam signos de sua história e de sua condição. As mãos que

carregam o tatuaje da multiculturalidade são, metaforicamente, o próprio sujeito em sua totalidade, condensando em uma parte do corpo a totalidade de sua experiência identitária.

A ironia emerge com força no verso que descreve os opressores como "asesinos vestidos de gala". O contraste entre a violência dos atos e a elegância da vestimenta produz um efeito de estranhamento que denuncia a hipocrisia das elites e a dissimulação do poder. Esse recurso irônico amplifica a crítica social, ao mesmo tempo que revela a consciência lúcida do eu lírico diante das estruturas de dominação.

A antítese comparece na oposição entre a fertilidade da terra ancestral ("Tierra fértil de paz y convivencia magna") e seu esquecimento pelo orgulho dos poderosos. Essa tensão entre o que foi e o que se perdeu estrutura o poema em sua dimensão política, criando um campo de forças entre memória e esquecimento, esperança e desalento.

A personificação é utilizada no final do poema, quando a "cuna de helechos" é descrita como imensa e convidativa à transcendência, atribuindo qualidades humanas ou espirituais à paisagem natural. Esse recurso contribui para a construção de um espaço afetivo e simbólico, no qual a natureza se torna cúmplice da memória e da resistência.

2.2.4 Recursos fonéticos e sonoros

Embora o poema não adote uma métrica regular, ele explora recursos sonoros que produzem efeitos de sentido. A aliteração da consoante vibrante /r/ em passagens como "frontera rupestre" e "Tierra fértil" cria um efeito de aspereza e resistência, associando a paisagem à dureza e à persistência. A repetição do som /s/ em "oscuras ojas marcadas por el clamor de libertad, sin descanso" produz um efeito sussurrante, que ecoa o cansaço e a insistência do clamor.

O encadeamento sintático (enjambement) é utilizado com frequência, rompendo a pausa no final dos versos e criando uma continuidade que arrasta o leitor de uma linha à seguinte, como no caso de "me sumo y apoyo a aquellos que terminaron muertos y sin voz, / esta vez para resucitar / tranquilos cuando se reivindique la identidad". O enjambement, aqui, performatiza a própria ideia de deslocamento: o sentido não se estabiliza no final do verso, mas se projeta adiante, num movimento que mimetiza a experiência do exílio.

2.2.5 Recursos gráficos e visuais

O poema utiliza recursos de pontuação e organização espacial que ampliam seus sentidos. O uso do ponto de exclamação em "¡que merecemos respeto!" e a sequência de reticências em "por el cambio verdadero... por la paz y la reivindicación de la identidad" operam como marcadores de intensidade afetiva e de suspensão do sentido. As reticências, em

particular, criam um espaço de pausa e de expectativa, como se o eu lírico, diante da magnitude do desafio, vacilasse antes de prosseguir.

A ausência de maiúsculas no início de alguns versos e a opção por versos que se iniciam em letras minúsculas, mesmo após ponto final, sugerem uma escrita que flui sem obedecer às normas gramaticais convencionais, ecoando a condição marginal e desregulada do sujeito fronteiriço. Essa escolha estilística, longe de ser descuidada, inscreve-se em uma tradição da poesia moderna que recusa as hierarquias formais em nome de uma expressão mais livre.

2.2.6 Léxico e campos semânticos

O léxico do poema organiza-se em torno de três campos semânticos principais, que se articulam e se tensionam ao longo do texto.

O campo semântico do corpo inclui termos como "piel", "pecas", "ojeras", "manos", "corazón", "voz", "venas". Esse léxico constrói o sujeito como uma materialidade viva e sensível, que sente e que guarda a memória em sua própria carne. O corpo não é um receptáculo passivo, mas um agente ativo na produção de significado.

O campo semântico da terra e do território compreende palavras como "frontera", "países", "territorio", "Tierra", "cuna", "helechos". Esse vocabulário ancora a identidade do sujeito em uma geografia concreta e simbólica, ao mesmo tempo que evoca a condição de deslocamento e a perda do pertencimento territorial.

O campo semântico da resistência inclui termos como "lucha", "desafío", "progreso", "cambio", "reivindicación", "rebelión", "abrasemos", "convivencia". Esse léxico imprime ao poema sua dimensão política e ativista, convertendo a voz lírica em um instrumento de transformação social.

2.2.7 Intertextualidade e diálogo com a tradição

O poema estabelece um diálogo implícito com a tradição da poesia social e política latino-americana, especialmente com a obra de autores que fizeram da identidade cultural e da denúncia da opressão seus temas centrais. A invocação da orquídea como símbolo de vínculo entre países e a referência ao "oro robado" remetem à história colonial e à exploração dos recursos naturais da região, ecoando uma tradição que vai de César Vallejo a Pablo Neruda.

Além disso, o poema dialoga com o pensamento crítico latino-americano sobre a interculturalidade e a mestiçagem, aproximando-se das reflexões de teóricos como Nestor García Canclini (2015) e Catherine Walsh (2009), para quem a identidade latino-americana é essencialmente híbrida e não pode ser compreendida a partir de categorias puras ou

essencialistas. O poema, nesse sentido, não apenas descreve a experiência multicultural, mas a performatiza como princípio estético e político.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do poema *Nací multicultural* de Scarleth Cuesta revela uma obra que, em sua aparente simplicidade, articula uma reflexão sobre a identidade, o exílio e a resistência no contexto latino-americano. O percurso analítico aqui empreendido, que combinou a exploração dos temas e imagens com o exame detalhado dos procedimentos formais e estilísticos, permite afirmar que o poema vai além da experiência pessoal da autora para se tornar uma voz representativa de uma condição coletiva — a do sujeito fronteiriço, do migrante, daquele que habita os interstícios entre culturas e nações.

O poema constrói, assim, uma poética do não-lugar que não se reduz à descrição de um espaço físico, mas que se afirma como uma condição existencial e simbólica. O eu lírico, ao nascer "na fronteira rupestre", inscreve-se em um território que é, ao mesmo tempo, geográfico e afetivo, histórico e mítico. Essa dupla inscrição, no entanto, não se resolve em uma identidade estável; ela se mantém em tensão, oscilando entre o pertencimento e o deslocamento, a celebração e a denúncia, a memória e o esquecimento. A identidade, no poema, não é um dado, mas um processo — um movimento constante de negociação entre diferentes heranças e diferentes futuros possíveis.

A análise formal e estilística revelou como a arquitetura do poema potencializa esses sentidos. A ausência de uma estrutura estrófica fixa, o verso livre, as figuras de linguagem, os recursos sonoros e o léxico multifacetado convergem para criar um texto que é, ele mesmo, um espaço de trânsito: entre o lírico e o político, entre o pessoal e o coletivo, entre a denúncia e a esperança. O poema não descreve a fragmentação; ele a performatiza, submetendo a linguagem a um processo de deslocamento que mimetiza a própria experiência do exílio.

Nesse sentido, *Nací multicultural* inscreve-se em uma tradição mais ampla da poesia latino-americana contemporânea que, especialmente nas vozes femininas e periféricas, tem transformado a experiência do deslocamento em matéria estética e em instrumento de resistência. Scarleth Cuesta, ao converter o não-lugar em espaço de enunciação crítica, contribui para a reflexão sobre as identidades culturais na modernidade líquida — uma reflexão que, em tempos de migrações forçadas e de crises de pertencimento, demanda atenção.

O poema, por fim, aponta para um horizonte de reconstrução: a interculturalidade, mencionada nos versos finais, não é apenas um fato a ser constatado, mas um projeto a ser

construído. A "convivência digna" entre os povos latino-americanos, a "reivindicação da identidade" e o "respeito à cultura" são apresentados como tarefas, que exigem a ação de todos os atores sociais. A escrita poética, nesse contexto, não é um fim em si mesma, mas um meio para a transformação — um gesto de insurreição contra o apagamento e a indiferença. Ao escrever seu poema, Scarleth Cuesta inscreve-se na história e convoca seus leitores a fazerem o mesmo.

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La Frontera: the new mestiza**. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papirus, 1995.

CUESTA, Scarleth. Poesía internacional: Scarleth Cuesta (Colombia/Venezuela). **Revista Kametsa**, 7 jul. 2024. Disponível em: <https://revistakametsa.wordpress.com/2024/07/07/poesia-internacional-scarleth-cuesta-colombia-venezuela/>. Acesso em: 10 nov. 2024.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

WALSH, Catherine. **Interculturalidad, Estado, sociedad: luchas (de)coloniales de nuestra época**. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar; Abya-Yala, 2009. Disponível em: <https://documentacion.asambleanacional.gob.ec/alfresco/d/d/workspace/SpacesStore/2cfd4be3-9a86-44a0-9bbb-67084aa9a67b/VIRTUAL%20-%20003387.pdf>. Acesso em: 22 out. 2026.